



AS MARIAS DE PARADA DE DEUS: uma análise da figura feminina nas obras de Maria Alice Barroso

Martha Caroline Duarte de Brito Freitas
(Mestra em Cognição e Linguagem-UENF)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a construção de duas personagens da escritora Maria Alice Barroso: Maria Olegária, presente no romance “A saga do cavalo indomado”, e Maria Corina, apresentada na obra “Um nome para matar” – obras ambientadas no chão ficcional da cidade Parada de Deus. Ambas personagens são figuras que revelam posicionamentos que vão de encontro aos valores machistas, que são apresentados através de outros personagens. Nessas referidas obras, as “Marias” são fortes e contrárias aos pensamentos conservadores. Apesar de serem diferentes em alguns aspectos, tais mulheres assemelham-se pela defesa de suas ideias, pelo ar sonhador (com perspectiva de realização) e pela oposição ao tradicionalismo da época, tornando-as figuras singulares em seus respectivos enredos. Este estudo envereda por contribuições teóricas do contexto literário, além de salientar recortes das obras, objetos desta análise, a fim de incitar a investigação.

Palavras-chave: A figura feminina, Maria Alice Barroso, Mulher, Maria Corina, Maria Olegária

1. Introdução

A figura feminina tem um papel muito representativo nas obras literárias. Embora, tenha sido retratada por muitos anos e em diversos enredos por um viés de submissão e passividade, ainda sim a mulher sempre carrega, em seus discursos, elementos peculiares que a tornam indispensável na literatura.

A mulher, seja simbolizada por uma personagem refém de valores machistas e/ou por outra a frente de seu tempo, tem uma singularidade que a constitui, em muitos textos, fio condutor e até mesmo o eixo norteador do desenrolar dos fatos de uma obra.

Assim, a literatura assume uma função social (e também histórica) que merece ser destacada, visto que, a partir das palavras, denuncia a identidade feminina ao longo do tempo e das realidades *ficcionadas*.

Em relação ao presente trabalho, busca-se justamente evidenciar, a partir das palavras vestidas de discursos, a forma como a figura feminina é delineada em duas obras da escritora miracemense Maria Alice Barroso. Para esta investigação literária, fez-se um recorte de dois livros que compõem o ciclo *Parada de Deus: A saga do cavalo indomado* e *Um nome para matar*, com destaque para as personagens *Maria Olegária* e *Maria Corina*, respectivamente.

As personagens citadas são de extrema importância em suas tramas, não só por serem protagonistas, mas, sobretudo, por denotarem de forma tão veemente figuras além de suas gerações configuradas nos textos.

Desse modo, tal estudo torna-se relevante por realizar apontamentos significativos a respeito da brilhante obra barrosiana, além de pôr em destaque a voz feminina, a qual



encarnada nas personagens de Olegária e Corina, revela as *Marias* da terra ficcional da autora Maria Alice.

2. Maria Corina

Maria Corina é a protagonista feminina do livro *Um nome para matar* (1967). O respectivo romance inaugura o ciclo Parada de Deus, nome fictício da cidade onde se passarão os acontecimentos narrados. O ciclo é composto por mais 4 obras: *Quem matou Pacífico?* (1971), *O Globo da morte* (1985), *A saga do cavalo indomado* (1991) e *A morte do presidente ou amiga de mamãe* (1995).

A essência da trama gira em torno de uma suposta traição de Maria Corina, ou melhor, seu esposo Oceano de Moura Alves, prefeito de Parada de Deus, acredita que sua mulher o traiu e por isso, de uma forma torturante, exige que a mesma lhe diga o nome do suposto amante para que ele possa matá-lo. Por este motivo, então, justifica-se o título da referida obra.

O nome Corina significa aquela que é virgem e pura. Talvez este fosse o pensamento embutido nos demais personagens de *Um nome para matar* a respeito de Maria Corina, ainda que esta se mostrasse um pouco ingênua em relação ao que a cercava.

Na verdade, o que esperavam encontrar em Corina era uma mulher submissa ao seu esposo-prefeito e aos costumes da época. Pelo contrário, ela apresenta-se como uma mulher que envolve, que encanta, uma figura também enigmática que se revela ainda mais pelo seu “riso solto”, o qual causa incômodo: “Mas só com a chegada de Maria Corina ali a fazenda parecia que tinha mudado: a risada dela entrava pelas portas e pelas janelas” (BARROSO, 2001, p. 36).

Até mesmo o Padre da cidade era capaz de visualizar em cada habitante de Parada de Deus a aflição que a presença de Corina causava: “...Jamais puderam aceitar que a mulher se vestisse bem pelo prazer de sentir-se bem vestida, ou também, para agradar o marido (...) A vitalidade dela, o prazer que ela encontra na vida são dons com que Deus contemplou essa criatura” (BARROSO, 2001, p. 77).

O machismo e o conservadorismo são predominantes não só nos discursos masculinos, como nas falas de muitas mulheres, como é o caso de Dona Paula de Moura Alves, sogra de Maria Corina: “Me dói o peito só de pensar que *tava* reservado pro meu filho mais velho esta desdita triste que é a de ser o primeiro marido traído de toda a nossa família” (BARROSO, 2001, p.458).

O prefeito de Parada de Deus não escondeu, em nenhum instante, a sua insatisfação, incômodo, ciúmes e o sentimento de posse em relação a sua esposa: “Para ter Maria Corina controlada, quieta, submissa, com jeito de mãe de família, tive que criar um permanente clima de terror” (BARROSO, 2001, p.542).

Por outro lado, em certos momentos, visualiza-se em Corina certo desentendimento do que estivesse de fato acontecendo. Acredita-se, pelos fatos narrados, que ela não tenha percebido os perigos do pensamento machista que envolvia seu marido: “É, Oceano sempre disse isso, que queria tudo espontâneo de minha parte: e eu fui à festa do clube com o decote V conforme eu queria” (BARROSO, 2001, p. 512).



A espontaneidade vislumbrada por Maria Corina (e que a encantava também) não se referia de fato a mesma exigida e “oferecida” por Oceano. Talvez Corina só tenha percebido isso ao se deparar com o desabamento de um conto de fadas que só existia em sua própria mente: “Honra não é exclusiva propriedade tua, Oceano” (BARROSO, 2001, p.519).

3. Maria Olegária

A obra *A saga do cavalo indomado* precede cronologicamente todas as outras que compõem o ciclo, justamente por narrar os acontecimentos da fundação da cidade Parada de Deus.

Maria Olegária de Moura Alves, personagem que é de interesse nesse estudo, é filha de Chico das Lavras, fundador da cidade. O pai, com seu ar enérgico e possuidor de uma personalidade autoritária, anuncia que sua filha deverá ir para o convento.

Maria Olegária (que significa aquela que é forte e poderosa) decide, então, fugir com o seu cavalo Negro. Daí o título do livro. A simbologia que há nas entrelinhas do personagem Negro revela realmente a saga de Olegária pela sua liberdade: uma jovem que não aceita ser “domada”, que é incessante naquilo que almeja, ousada e impetuosa – características muito contrárias e não muito bem aceitas para uma jovem na época descrita no texto, consoante um trecho do narrador revela: “Pendurada num galho alto da árvore, a moça jogou os cabelos para trás, encantada com o que via: aquela era a liberdade a que ela aspirava, a liberdade de desconhecer até mesmo a sua própria vontade.” (BARROSO, 2001, p. 48)

No prefácio do livro, Ronaldo Menegaz diz que: “É de sua negativa de submissão ... Que se vai instaurar o drama. (...) o amor à liberdade sem peias, a rejeição a todo tipo de submissão.” (BARROSO, 2001, p.11).

A moça tinha um relacionamento muito mais confortável com o cavalo do que com os próprios familiares, sobretudo com o pai: “Aquele entendimento entre a moça e os cavalos era uma coisa que ninguém entendia: Maria Olegária dispensava rédeas.” (BARROSO, 2001, p. 51).

Sua altivez e a certeza de que é dona de si própria movem Maria Olegária em direção àquilo que ela mesma deseja: ganhar asas, ou melhor, galopar sem rumo...rumo ao seu destino. É uma personagem que não abaixa a cabeça para nenhuma figura masculina e que debate, sem pestanejar, pelos seus ideais: “Maria Olegária era diferente, ela precisava encontrar a verdade de cada atitude nos olhos do outro, e foi por isso que ele voltou a levantar a cabeça para oferecer a ela o seu olhar.” (BARROSO, 2001, p. 165).

Em um momento da trama, Olegária se pergunta o porquê de ela não conseguir ter um diálogo com o seu pai, a quem se refere como “autor” dos seus dias. Ao fazer essa indagação e refletir sobre seu relacionamento com Chico das Lavras, a menina-mulher dispara:

Nós somos ensinados a aceitar a autoridade de um pai cegamente. Sem refletir. É como se fosse um deus. O fato de ele ser conhecido como o autor dos nossos dias no fundo, não passa de uma casualidade: apenas porque um homem se deteve mais tempo com uma mulher, é só isso. E as vezes, não chega nem a ser isso...surgimos no mundo, sem convite ou pedido antecipado. É o acaso que preside a nossa vida. (BARROSO, 2001, p. 167)



Ao decidir fugir com Negro e com o domador de cavalos Honório, Olegária não surpreende àqueles que estavam a sua volta, justamente por sempre demonstrar em sua personalidade a ânsia por ser livre: “Chico das Lavras sabia que a filha ia embora pois ela era mulher bastante para dizer a verdade pra ele.” (BARROSO, 2001, p. 280).

4. Considerações teóricas

Maria Olegária e Maria Corina são mulheres diferentes, isto é, com aspectos que divergem um pouco, mas que se aproximam no que se refere a se demonstrarem, pelas suas ações, figuras a frente de seu tempo. Mulheres que incomodam, que causam inveja e raiva, e que, sem dúvida, são alvo do machismo e do pensamento conservador da época narrada.

Assim, para entender as personagens, é necessário analisar e refletir sobre o contexto sócio-histórico em que ambas estão inseridas (LIPORACI & COSTA, 2012).

De acordo com Navarro, algumas obras desafiam “a construção social tradicional do sujeito feminino” (1995, p. 14). E sem dúvida, as Marias de Maria Alice Barroso causam essa ruptura daquilo que seria o aceitável para uma mulher, pois há o resgate da força feminina, em diversos âmbitos (inclusive, pode-se ousar dizer que até mesmo da própria autora ao criar tais figuras):

Devo admitir que fazer concessões para mim, entre outras coisas, seria ter que abandonar Parada de Deus, onde encontrei o caminho como escritora: ali tenho o meu chão ficcional povoado por gente da qual eu não gostaria de me afastar por nada deste mundo. (...) Não tenho nenhum compromisso com a realidade: necessito apenas daquela atmosfera que a poeira do galope dos cavalos levantou na estrada. A ambiência é apenas o ponto de partida para o que irá acontecer depois. E o depois será *nous deux*. Com o testemunho do leitor, é claro. (BARROSO, 2001, p.21/24 – apresentação da obra)

É importante ressaltar que as personagens femininas são construídas pelo leitor através do direcionamento que a própria Maria Alice Barroso conduz por meio do discurso enunciado, conforme Antonio Candido advoga: “É precisamente o modo pelo qual o autor dirige o nosso “olhar”, através de aspectos selecionados de certas situações, da aparência física e do comportamento, - ou diretamente através de aspectos da intimidade das personagens.” (CANDIDO, 1998, p. 35).

Assim, admite-se dizer que a escritora em questão faz um grande trabalho com os recursos de expressão (POSSENTI, 2009) que são transpostos para as Marias aqui analisadas. São esses recursos que dão a oportunidade ao leitor de (ler) ver e sentir, de forma tão fiel, mulheres tão fortes e tão representativas no contexto literário da obra, como são as *Marias de Parada de Deus*.

As obras barrosianas aqui analisadas permitem a quem ler fazer essa construção de sentidos, por meio dos infinitos *ethos* apresentados. Olegária e Corina são Marias, guerreiras cada uma a seu modo, e este por sua vez é elaborado justamente por quem ler, por quem mergulha na personalidade encarnada na personagem. E isso só é possível também quando, por meio da enunciação, a personalidade do enunciador é revelada (MAINGUENEAU, 2011).



Tais personagens carregam, sem dúvida, um valor ideológico que é representado por meio do próprio discurso. Sobre isso, Orlandi complementa que “Todo gesto de interpretação é caracterizado pela inscrição do sujeito (e de seu dizer) em uma posição ideológica, configurando uma região particular no interdiscurso, na memória do dizer” (ORLANDI, 1996, p.100).

Raquel Silva, ao falar sobre a representação feminina em uma obra específica, destaca que “a escritura feminina perpassa as construções culturais do sujeito de gênero (masculino/feminino), através da representação simbólica existente no imaginário da sociedade patriarcal ocidental” (2008, p. 9).

As Marias barrobianas são exemplos de tantas outras personagens femininas que, por meio das palavras, refletem a desconstrução de um pensamento patriarcal e arcaico. E, desse modo, conseqüentemente, são mulheres de destaque em seus respectivos enredos.

5. Considerações Finais

A obra de Maria Alice Barroso é feminina. E isso não é dito simplesmente por se tratar de uma mulher escritora, mas por ela representar a força da mulher em sua literatura. Em *Um nome para Matar* e em *A saga do cavalo indomado*, o papel do “sexo frágil” é redimensionado.

A mulher é exposta (no sentido positivo do vocábulo), tem visibilidade, é perceptível e reconhecida. Maria Corina é casada com um homem machista e que não aceita o seu jeito menina de ser, de encantar (e também de desagradar aos que não a veem como exemplo de esposa). Já Maria Olegária tem o pai como sujeito que tenta impor a submissão, porém ela não aceita e galopa em direção ao que lhe convém.

Ambas figuras estão cercadas de elementos e vozes contrárias e que rebatem suas convicções. Não se sabe se a intenção da autora foi realmente esta: de mobilizar em que lê a visão de duas personagens visionárias, contudo pode-se afirmar que a literatura barrobianas incita e desperta a curiosidade por desvendar mulheres tão expressivas em seus respectivos contextos.

São mulheres em tempos diferentes, com jeitos/personalidades não muito semelhantes, em situações divergentes, mas que são construídas pelos seus fortes discursos (e também sofrem contribuição dos discursos dos demais personagens), os quais mantêm e elevam a representatividade do “eu feminino”, constituindo-as, não como puras e virgens como o primeiro nome nos direciona a princípio, mas sim como Corina e Olegária, ou melhor, as fortes e emblemáticas *Marias de Parada de Deus*.

Referências

- BARROSO, M. A. *Um nome para matar*. Rio de Janeiro. Expressão e cultura,2001.
- _____. *A saga do cavalo indomado*. Rio de Janeiro. Expressão e cultura,2001.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix,2006.
- CANDIDO, A., et al. *A personagem de ficção*. 9.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 119p



COELHO, N. N. *Dicionário Crítico das Escritoras Brasileiras*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LIPORACI, F. & COSTA, S. *Capitu, a figura feminina, na obra Dom Casmurro de Machado de Assis*. Nucleus, v.9, n.2, out.2012

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011

NAVARRO, M. H. Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

POSSENTI, S. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, R. H. *A representação da identidade feminina na obra A casa das sete mulheres, de Leticia Wierzchowski*. Mafuá (revista de Literatura em Meio Digital). ISSN 1806-2555 - ano 6 n.9 2008